



GT 01. A presença indígena na educação superior no contexto das universidades brasileiras: desafios na assistência estudantil e diálogos interculturais na formação profissional

Coordenador(es):

Marcos Antonio Braga de Freitas (UFRR - Universidade Federal de Roraima)

Carlos Kleber Saraiva de Sousa (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Os povos indígenas têm ao longo da história de contato resistido aos diversos processos colonizatórios e dominação cultural. No contexto dessa resistência vem a luta pela garantia dos direitos sociais e culturais, destacando-se a questão do território, saúde, educação, entre outros. Entretanto, o recorte da proposta do GT é no campo das políticas públicas educacionais, com destaque para a educação superior como uma das formas de sua autonomia e resistência e fortalecimento identitário, sejam no âmbito das terras indígenas e/ou vivem e moram nas cidades. Destaca-se que a formação superior indígena no Brasil e na América Latina, a exemplo do México, Venezuela, Equador, Brasil, entre outras é uma realidade; tendo experiências exitosas no contexto da educação intercultural a partir dessa história de luta, resistência e os marcos legais. A formação intercultural indígena e as experiências em curso nas universidades brasileiras, a exemplo dos cursos de Licenciaturas Interculturais Indígenas e políticas de ações afirmativas com a presença indígena é uma realidade no contexto das políticas públicas das Instituições de Ensino Superior (IESs). A produção da literatura indígena e seus reflexos nos movimentos indígenas, nas escolas e comunidades indígenas são temas de discussões no GT a partir dos trabalhos de conclusão de curso e da própria formação profissional no âmbito das IESs.

Desafios de estudantes indígenas à permanência na Universidade Federal do Pará

Autoria: Gabriel Silva Braga (UFPA - Universidade Federal do Pará), Denise Machado Cardoso

O objetivo dessa pesquisa é identificar os desafios enfrentados por estudantes indígenas ingressos pelo PSE (Processo Seletivo Especial), com vista à permanência em seus respectivos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Dentro desse aspecto, além de falar sobre educação, é inevitável enfatizar que a luta indígena no Brasil possui um longo contexto histórico e social importante de autoafirmação identitária, como também apoderamento de mecanismos usufruídos exclusivamente pelos não-indígenas, cujo objetivo é encontrar saídas para sobrevivência. Nesse contexto, é imprescindível salientar a agenda de luta indígena enquanto mecanismo de perpetuação de suas vidas, a exemplo da defesa e garantia da terra, a defesa do meio ambiente, o desenvolvimento sustentável e a saúde indígena diferenciada? (BANIWA, 2006). O reconhecimento da interculturalidade e de uma educação diferenciada também se mostra essencial nesse processo de autonomia dos povos indígenas, uma vez que respeita seus saberes e particularidades distintas do mundo dos brancos. Outrossim, o acesso ao ensino superior detém um papel estratégico às lutas por direitos, uma vez que esta sapiência foi suscitada a partir dos implementos das escolas indígenas, em que a demanda pelo ingresso nas universidades crescia gradativamente. Essa emergência de uma intelectualidade do movimento indígena foi fundamental para a conquista de inclusão nas faculdades. Para tanto, realizamos entrevistas informais com 05 estudantes acerca de suas experiências no ensino superior em que a APYEUFPA (Associação dos Povos Indígenas Estudantes na UFPA) nos ajudou não apenas a construir, mas também a indicar discentes de distintas áreas de estudo (humanas, linguagens, exatas e saúde) e recorreremos aos levantamentos de dados bibliográficos (BANIWA, 2006; FERNANDES, 2018) na área da teoria antropológica, a fim de embasar cientificamente este work. Dessa maneira,



constatamos nas entrevistas dos participantes aspectos semelhantes e perduráveis em todas as falas: racismo manifestado pelas distintas instâncias universitárias e a burocracia para conseguir auxílios de permanência; ademais, segundo levantamento de dados bibliográficos, Fernandes (2018) nos mostra em sua pesquisa uma escala evolutiva da entrada de indígenas por ano de duração do PSE no período de 2010 a 2018, em que se observa uma crescente constante. Essa pesquisa ainda em andamento mostrou certos obstáculos enfrentados pelos estudantes, a exemplo de direitos ininterruptamente ameaçados devido ao racismo na universidade e seu modelo produtivista, o que representa um desafio contínuo à inclusão social, conciliado à inflexibilidade das ações de assistência estudantil que se adequem às necessidades destes discentes.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: